

UMA REFLEXÃO DA GESTALT- TERAPIA SOBRE O IMPACTO DA AMBIVALENCIA AFETIVA NO FENÔMENO DE ABUSO SEXUAL INFANTIL.

Joiziane Da Luz Gomes

Resumo

A violência sexual infantil intriga e reverbera por se tratar de um fenômeno frequente, complexo de dinâmica multifacetada mobilizadora não só do núcleo familiar, como de toda sociedade. É foco de pesquisas no mundo, campo emergencial em resposta à demanda social. Objetiva-se através da Gestalt-terapia dimensionar o abuso sexual infantil, analisando sua dinâmica enquanto fenômeno iminente a desestruturar o campo persuadido pela volubilidade da figura paterna, fonte de ambivalência e polaridades, impactando o fechamento da Gestalt. Usou-se como metodologia da pesquisa análise bibliográfica dos conceitos de abuso sexual infantil e Gestalt-terapia. Os resultados apontam o alargamento das fronteiras pessoais como viabilizador de outra perspectiva sobre a vida nos quais os fatos como patrimônio, não se alteram, porém altera-se o ponto a partir do qual avista-se a história, construindo através da intervenção sensível, mudança de referencial necessária para redimensionar a percepção dicotomizada almejando a consciência global, pela integração das polaridades.

Palavras-chave: abuso sexual infanto-juvenil; Gestalt- terapia; polaridades, ambivalência afetiva; ajustamento criativo.

Abstract

Child sexual violence intrigues and reverberates because it is a frequent phenomenon, a complex multifaceted dynamic that mobilizes not only the family nucleus but also society. It is the focus of research in the world, emergency field in response to social demand. Gestalt-therapy aims to measure child sexual abuse, analyzing its dynamics as an imminent phenomenon to de-structure the field persuaded by the volubility of the paternal figure, source of ambivalence and polarities, impacting the closure of the Gestalt. Bibliographic analysis of the concepts of child sexual abuse and Gestalt-therapy was used as research methodology. The results point to the widening of personal boundaries as a way of envisaging another perspective on life in which the facts as patrimony do not change, but it changes the point from which history is seen, building through the sensible intervention, change of reference necessary to re-dimension the dichotomized perception aiming at global consciousness, by the integration of polarities

Keywords: child sexual abuse, Gestalt therapy, polarities, affective ambivalence, creative adjustment.

INTRODUÇÃO

No Brasil, na década de 1960, iniciou-se o processo de reconhecimento das práticas sociais e culturais que atentavam contra os direitos das crianças e adolescentes, ampliando a compreensão dos diversos fatores contextuais histórico-culturais que estão enraizados em tais práticas. O surgimento de órgãos dedicados à proteção de crianças e adolescente transformou-a em objeto de estudo de

diversas ciências, e foi em meados do século XX, que a violência contra crianças e adolescentes passou de um infortúnio pessoal de caráter privado para um problema social no qual expressa a correlação de forças da sociedade em que ocorre, desnudando relações de opressão naturalizadas no meio social. (PIMENTEL e ARAUJO, 2006).

A violência sexual infantil de forma generalizada se conceitua como um tipo de agressão que envolve criança ou adolescente em atividades, ato ou jogo sexual com adultos de qualquer sexo, cuja finalidade seja utilizar e transformar a criança ou adolescente em objeto sexual para autossatisfação. (PIMENTEL e ARAUJO, 2006).

Diante do exposto, propõe-se através do olhar da Gestalt-terapia, analisar o abuso sexual infantil como fenômeno capaz de conturbar o campo, persuadido pela contraposição da paternidade como função, e por sua volubilidade no processo figura-fundo, impedindo pela atuação da alienação das polaridades o fechamento da Gestalt e sua posterior cristalização, oportunizando a neurose.

A partir da análise de pesquisa, têm-se como objetivo compreender a dinâmica do abuso sexual diante do impacto da oscilação da função paterna sob o olhar da Gestalt-terapia, se tornando importante reflexão a agregar na compreensão do estudo da violência infantil, tema hoje foco de pesquisas no mundo, consolidando um campo emergencial em resposta à demanda social.

MÉTODO

A pesquisa seguiu metodologia qualitativa, utilizando o método fenomenológico de Amedeo Giorgi, cuja base é a análise descritiva do modelo empírico-compreensivo, que busca a essência do fenômeno pressupondo uma relação intencional entre sujeito e objeto, objetivando explorar o sentido da experiência, representando um avanço para as ciências humanas ao preencher um espaço de interlocução não suprido pelo modelo quantitativo, compreendido para além, “o espaço de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, espaço de reconstrução de uma ideia mais abrangente do que é empírico, um espaço de construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais” (HOLANDA, 2010, p. 156 apud ANDRADE e HOLANDA, 2010, p. 260).

O levantamento bibliográfico realizado utilizou a seguinte base de dados: SCIELO, LILACS, IBECs, PEPsIC, BVSPsI, PsYcINfO, MEDLINE, GOOGLE ACADEMICO, PERIODICOS CAPES, SUCUPIRA-QUALIS, LIVROS. Considerando estas bases foram selecionados 11 artigos e 12 livros que atenderam aos critérios referentes ao objetivo do trabalho, os quais possibilitaram análise do fenômeno do abuso sexual correlacionado aos conceitos da abordagem da Gestalt-terapia enfatizando o impacto das polaridades provenientes da oscilação da figura paterna. As palavras-chave utilizadas na língua portuguesa foram: abuso sexual infanto-juvenil, Gestalt-terapia, polaridades, ambivalência afetiva, ajustamento criativo.

REVISÃO DE LITERATURA.

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA GESTALT-TERAPIA.

Conforme Andrade (2007), a Gestalt-terapia reconhecida hoje como uma das abordagens da terceira força da psicologia nasceu na década de 1940, de origem europeia, concebida pelo casal de psicanalistas alemães Fritz (Friedrich Salomon Perls, 1893-1970) e Laura Perls (Lore Posner 1905-1990), fruto do descontentamento com a psicanálise da época, manifestou-se em solo africano através do lançamento do livro *Ego, hunger and aggression*, publicado em 1942 na África do Sul, no qual Perls desenvolveu alguns conceitos e questionou a psicanálise. “Ambos, Laura e Fritz, viveram num *Zeitgeist*¹ permeado por uma influência fenomenológico-existencial, que depois interagiu com a Gestalt-terapia”. (KOGAN, 1976 apud YONTEF 1998, p. 24).

Posteriormente na década de 1950, de acordo com Andrade (2007), já em território americano, com apoio do grupo dos sete, composto por Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Eliot Shapiro e Silvester Eastman, e participação especial de Ralph Hefferline, a Gestalt-terapia ganhou força e destaque com o lançamento em 1951 do livro *Gestalt-therapy – excitement and growth in the human personality*, de autoria de Perls, Hefferline e Goodman, sendo esta a primeira aparição pública dos conceitos como abordagem, tornando-se o marco na difusão da Gestalt-terapia. Em 1952, Fritz e Laura Perls fundaram o primeiro instituto

¹ Zeitgeist (força do tempo)

de Gestalt, *The Gestalt Institute of New York*, e em 1954 fundaram o de Cleveland, e nos 15 anos seguintes dedicaram-se a divulgação da abordagem. “A prática psicoterápica estava dicotomizada entre a tradicional abordagem psicanalítica da teoria pulsional mais antiga, e as idéias pioneiras, trazidas pela Gestalt-terapia”. (YONTEF, 1998, p. 26).

Fundamentada filosoficamente no Existencialismo e Humanismo, teoricamente na Psicologia da Gestalt, na Teoria Organísmica Holística e na Teoria de Campo, com metodologia Fenomenológica e modelo terapêutico centrado no diálogo, preserva em sua clínica um profundo esclarecimento da experiência através de conceitos básicos como: contato, awareness², mudança paradoxal, auto-regulação, figura-fundo, ajustamento criativo, aqui-agora e diálogo, concepções centrais germinadas pelo conjunto de suas sólidas fundamentações teóricas, filosóficas e metodológicas. (ANDRADE, 2007).

A palavra alemã Gestalt diz respeito à configuração, significando forma, todo ou totalidade, que envolve toda organização ou estruturação seja ela cognitiva perceptiva ou social, ou seja, é uma Gestalt de acordo com o autor “(...) um todo com forma ou com sentido, algo completo e que faz sentido” (p. 110), que através de um posicionamento existencialista e de uma relação dialógica proporciona ao cliente o reconhecimento interno e externo de sua incompletude relacional. (ANDRADE, 2007).

ABUSO SEXUAL INFANTIL: CONCEITOS E DANOS.

Entre todas as possíveis violências existentes no meio social, a sexual é a menos denunciada devido as suas complexidades e por ocorrer no meio intrafamiliar de maneira preponderante. A imprecisão terminológica para a definição dos diferentes termos violência sexual e abuso sexual dispõem muitas vezes ambos como sinônimos, dificultando pela inexatidão o atendimento adequado nos diversos âmbitos que tais crimes envolvem, influenciando assim os aspectos médicos, jurídicos, psicológicos e éticos do fenômeno. A expressão abuso sexual é popularmente mais utilizada em situações de violência sexual contra crianças e adolescentes, principalmente as de foco intrafamiliar. (INOUE, 2007).

² Awareness: tomada de consciência global no momento presente, atenção ao conjunto de pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental, consciência de si e consciência perceptiva. (Ginger e Ginger, 1995, p. 254).

O abuso se caracteriza pelo fator de imaturidade das crianças e adolescentes quanto a atividades sexuais sendo estas incapazes mentalmente e fisicamente de dar qualquer consentimento por falta de compreensão do ato, caracterizando assim uma relação de poder na qual a criança ou adolescente é vitimizado. (PIMENTEL e ARAUJO, 2006).

Nestes núcleos evidencia-se desorganização familiar como característica, pautada pela negligência de um ou de ambos os genitores. De forma geral as famílias em sua maioria assume uma postura defensiva de negação dos fatos propiciando a manutenção do abuso crônico. Outras características evidentes e comuns na maioria dos casos é a posição do algoz como principal provedor da família, sendo este mais presente na vida da criança que a mãe, muitos vezes sendo ele o principal cuidador e não a mãe. (PIRES e FILHO, 2007).

A dinâmica do abuso, seja intra ou extra familiar, é sempre complexa e pode começar sutilmente através da confiança e afeto depositada no abusador que desempenha um papel de cuidador confundindo a criança que não identifica a interação como abusiva mantendo o silêncio. Ao perceber a violência, barganhas ou ameaças são artifícios para garantir o segredo. Vulnerável a criança desenvolve a crença de que é culpada pelo ato sentindo medo e vergonha da punição que virá ao revelar seu segredo, e tenta dessa forma adaptar-se ao ato abusivo perpetuando o silêncio. Outros fatores externos à família são mantenedoras da dinâmica, entre elas estão a descrença de profissionais de saúde e educação, a relutância em reconhecer e denunciar o abuso, subestimando a severidade e veracidade dos fatos. (HABIGZANG et.al, 2008).

RESULTADOS: DIMENSIONAMENTO DO ABUSO SEXUAL COMO FENÔMENO SOB O OLHAR DA GESTALT:

1- O FENÔMENO

O campo fenomenológico, método de exploração da teoria de campo é definido pelo observador, e como tal age subjetivamente. Este campo, o todo, do qual um evento é parte, e no qual estas se relacionam e reagem umas as outras, influenciando-se mutuamente pelo que ocorre em qualquer lugar do mesmo, atua de

forma descritiva em vez de especulativa, interpretativa ou classificatória e se formará na melhor Gestalt que as condições permitirem com propensão natural em direção ao equilíbrio. “Busca-se conhecer o fenômeno por meio do contexto no qual ele ocorre, dos processos interacionais que estão presentes na rede social familiar e de como as pessoas vivenciam determinada experiência.” (MACIEL, 2011, p. 27).

Segundo Yontef (1998) em Gestalt-terapia um evento fenomenológico acontece no aqui e agora, portanto todos os eventos anteriores experienciados podem ser objetos da awareness ou do tornar-se consciente, entre eles o evento da lembrança, e estes se inserem no tempo presente, que se modela em uma movimentação permanente entre passado e futuro. É neste momento chamado agora que se conectam ou bloqueiam-se memórias e perspectivas, passíveis de distorções da percepção, gerando distúrbios da awareness de tempo. O modo como se torna consciente é essencial para a investigação fenomenológica. “Estamos falando do princípio da contemporaneidade, isto é a experiência presente é explicável a partir de sua relação com o campo fisiológico e cria uma situação a-histórica, em que o passado passa a ter um valor relativo”. (RIBEIRO, 1985, p.78)

Segundo Pires Filho (2007), a família insere “o mundo do indivíduo” (seu campo) e é considerada por alguns autores como a matriz de identidade da criança, responsável pelo seu desenvolvimento através dos cuidados e proteção, executa o papel de transmitir a herança cultural, permitindo a criança significar. Os vínculos, a organização e o funcionamento dos papéis sociais na família garantem a integridade do “Eu” da criança, portanto desequilíbrios nessa estrutura e seus arranjos constituirão as características e os distúrbios do “Eu” na criança. Nos casos de violência intrafamiliar a vitimização física e sexual da criança evidencia o fracasso da família ante o seu papel social. “Criança doente emocionalmente é família adoecida em suas relações. Família doente é sociedade doente em seus sistemas de valores, crenças, comportamentos e interações.” (ANTONY, 2009, p. 56).

2- O CONTATO, A PATERNIDADE E O ABUSO.

A visão da paternidade na Gestalt aponta para o conceito do contato, verificado mediante a responsabilidade de tal papel junto ao desenvolvimento da criança. De acordo com Aguiar (2014), a criança é entendida como uma unidade relacional (criança- outro- mundo), como um ser social em construção, a qual evolui

mediante etapas cognitivas e físicas, através das funções de contato: visão, audição, tato, paladar, olfato, linguagem e motilidade corporal. O contato é experienciado através da exploração do mundo pela criança. Influenciada pelo mundo e dependente dele para seu desenvolvimento, imersa e submetida á predominância da rede familiar, a criança é afetada tanto pela falta quanto pelo excesso de estimulação em seu desenvolvimento, considerando que “as primeiras experiências da criança acontecem dentro do seio familiar.” (SILVA e GOTIJO, 2016, p. 17).

Afirmando a posição do individuo em Gestalt-terapia como um ser relacional, contextual e ainda singular em suas necessidades, a criança as expõe e as satisfaz atuando como protagonista em seu desenvolvimento, satisfazendo suas necessidades de forma criativa através do brincar e da fantasia, exercitando suas relações. A constituição do sujeito em Gestalt- terapia implica na possibilidade de estabelecer relações satisfatórias que possam suprir as necessidades de cuidado e de confirmação do ser humano. Dentro desta perspectiva o que move o individuo no mundo, e fruto do encontro com o mesmo, é a tendência a se auto-regular continuamente. (AGUIAR, 2014).

De acordo com Costa (2007), quanto ás necessidades, as mais relevantes tornam-se figuras até serem satisfeitas e recuarem para o fundo, dessa forma os comportamentos são dirigidos pelo processo de homeostase ou auto-regulação orgânica que permitem ao organismo satisfazer suas necessidades na medida em que estas emergem, alternando-se na busca de equilíbrio “Vale lembrar que ao falarmos de “necessidade”, em Gestalt terapia, estamos nomeando toda e qualquer demanda do organismo vivo e não só “necessidades orgânicas ou fisiológicas””. (AGUIAR, 2014, p. 69).

Pela dependência estrutural a criança necessita e tendência a buscar carinho nos pais ou figuras próximas, e é através desta configuração e relação que o abusador utiliza-se da criança para a satisfação do seu desejo sexual, proporcionando a mesma um papel em seu próprio abuso, que será futuramente selado pela síndrome do segredo, um elo sequencial de sedução, ameaças, intimação ao ato e ao sigilo, manifestada pela confusão de papéis que atuará como reforçadora do segredo. (AMAZARRAY e KOLLER, 1998).

Aguiar (2014) afirma que o comportamento de apego da criança vem substituir a confluência (não consciência de fronteiras) existente no modelo de relações iniciais do bebê, e serve de suporte (hetero-suporte) no enfrentamento, possibilitando a criança adquirir recursos, uma vez que sozinha não pode fazê-lo. O apego neste sentido “(...) é fruto do desenvolvimento de uma fronteira de contato com espaço para relativa e progressiva autonomia em relação ao mundo adulto” (AGUIAR, 2014, p. 78).

De acordo com Polster e Polster (2001), o contato é o responsável por exercer a função primordial que sintetiza a necessidade do ser humano de união e separação, “desde o corte de nosso cordão umbilical todos nos tornamos seres separados, buscando união com o que é diferente de nós” (p. 112). Vive-se uma incoerência buscando incessantemente sua resolução, no qual o senso de união depende do senso de separação dentro de uma fronteira que disciplina a relação pessoa-ambiente, já que o estado primário de simbiose humana nunca mais retornará, oscila-se então no equilíbrio entre liberdade ou separação, união ou invasão. “É na fronteira do contato que o indivíduo experiencia o eu em relação ao que não é eu” (POLSTER e POLSTER, 2001, p.115).

Na análise da dinâmica do abuso estão implícitas as interações (ou os contatos), pois se leva em consideração não só os sintomas e consequências do fenômeno, mas a interpretação do microsistema numa abordagem ecológica que traz dados da interação familiar, agente da característica da disfuncionalidade destas famílias, revelando a rede de relações e sua influências na qual a criança é percebida como participante do seu próprio abuso, porém não responsável por ele. (AMAZARRAY e KOLLER, 1998).

Ribeiro (2006) enfatiza que é nas fronteiras de contato que os contatos se intensificam, através de redes complexas que envolvem processos como pensar, sentir, fazer e falar, responsáveis pelos contatos internos e externos, através da relação da pessoa com seu meio ambiente. O modo como ocorre essa experiência prescreverá ou não a harmonia deste encontro entre totalidades e realidades, e a interrupção desta harmonia provocará adoecimento. Os limites entendidos como sinônimos de fronteira expressam o sistema que aproxima e afasta uma pessoa da outra, e é a “relação da pessoa com as margens que dirá seus limites” (p. 134),

portanto tanto o contato como suas fronteiras podem ser figuras em um dado momento, esta que não existe sem um fundo, assim como o sujeito e a realidade formam um só composto, no qual um é função do outro, em uma relação criadora e não cingida, pois ambas são percebidas pela perspectiva do mesmo olhar, e é nesta possibilidade de inclusão perceptiva, por entre a alternância, que ambos se mostram ao sujeito.

As crianças não estão alienadas dos acontecimentos da vida, não vivem em um mundo de ilusão e fantasias, apesar de brincar e estar imersas nestas vivências, estão conectadas com a realidade e principalmente com aqueles que são significativos em seu meio, portanto todo sofrimento causado por eles ou á eles, lhes afeta gerando comportamentos, emoções e pensamentos sobre si e sobre seu mundo, perturbações não esquecidas, mas sim disfarçadas, propulsoras de condutas disfuncionais, não conscientes, nem racionais apenas ajustadoras como forma de auto- regulação, através da qual adoecimento e/ou sintomas surgem como tentativa de ajustamento criativo.” A criança adoecida perdeu a capacidade de manter um contato nutritivo consigo e com o outro, cortou a conexão com o corpo e vivencia um confuso senso de eu que abala a autoconfiança, o auto suporte, a auto-estima. (ANTONY, 2009, p. 358- 359).

3- AMBIGUIDADE AFETIVA E POLARIDADES.

De acordo Miguel (20015) as emoções são experiências momentâneas e complexas subjetivas que envolvem aspectos cognitivos, avaliativos, afetivos e simbólicos cuja dinâmica acolhe diferentes fenômenos como alegria, medo, tristeza, ira e o afeto, impactando e provocando modificações no funcionamento psicológico e fisiológico do indivíduo preparando-o para uma ação.

PENNA (2001) compartilha da mesma premissa articulando que em ambivalência as emoções estão ligadas a motivos. Motivos e emoção podem ser co-dependentes e seguem uma via de mão dupla, na qual emoções geram motivos e motivos geram emoções. “A dimensão afetiva ou emocional surge como uma dimensão subordinada à cognição no sentido de que sua tonalização e intensidade exprimem-se sob o controle do modo como as situações existenciais são percebidas e pensadas pelo sujeito”. (PENNA, 1986, p. 10-11).

Diversos autores (Azevedo; guerra, 1994; Cromberg, 2001; Furniss, 1993; Miller, 1994; Perreira, 2002), afirmam que a ambivalência afetiva em relação ao perpetrador, principalmente quando este executa a função paterna, é o sentimento mais evidente nas crianças acometidas por abuso, em razão á expressiva presença do mesmo na vida da criança e ao forte vínculo caracterizado pelo ténue limite entre sexualidade e afetividade. Considerando que a excitação sexual é formadora de hábito, constrói-se então um vínculo sexualizado engendrando o comportamento característico de lealdade da criança para com o abusador. “(...) em alguns casos, a “atenção abusiva” é o cuidado parental mais importante e único que a criança recebe”. (PIRES FILHO, 2007, p.101).

O organismo humano de forma geral experiência reações oposta em resposta as satisfações ou frustrações de suas necessidades, e ambas estão sujeitas a recordação. A forma como os indivíduos experiencia o bom e mau como reações, depende de processos como projeção e criam dois fenômenos: ambivalência e ética. A criança é incapaz de distinguir entre suas reações e o causador das mesmas, então suas vivencias são como algo bom ou mau, e não com o sentimento bom ou mau. Assim ao invés do caos das lembranças têm-se duas figuras cristalizadas agindo simultaneamente, no qual, com o recuo de uma para o fundo, a outra emerge em evidencia. Surge o conflito da ambivalência afetiva, que deixará a criança dividida entre amor e ódio imersa em confusão, e assim o certo e errado o bom e o mau passam a confrontar o indivíduo. (PERLS, 2002).

Polaridade tem a ver com intencionalidade, e é através de um processo de subjetivação que revela o sentido das coisas para as pessoas. Compreendida como um processo através do qual duas realidades confrontam-se com o intuito de se excluir, como se fosse o oposto uma da outra, porem, polaridade se dá sobre a existência de algo considerado e não sobre sua essência, agindo sobre o “como” das coisa e não sobre o “que”. Assim sendo implica num processo de dúvida, no qual a polarização está dentro do sujeito; a dupla emoção ocorre dentro e não fora do sujeito e determinará a escolha no processo decisório, e não o contrario. Assim a duvida muito diz e ocupa um lugar importante na questão da polaridade, evidencia motivação e necessidades obscuras. “Diante de uma polaridade o que está em

causa é o sujeito que duvida e não a coisa sobre a qual a escolha vai ou não decidir”. (RIBEIRO, 2006, p.159).

As crianças se assustam, ao perceber divisões dentro de si, e ficam confusas quando sentem raiva e ódio em relação a alguém que estima, afirma Oaklander, (1978), o que acarreta em dificuldades de aceitar os aspectos de si mesma dos quais não gosta, ou aqueles criticados pelos outros. Ao desprezar e se afastar destas partes de si própria, aumenta mais a distancia entre suas formas de ser polarizadas, acarretando fragmentação e auto alienação. É através da integração dos polos que funcionam como oponentes, que se constitui o processo de vida dinâmico e sadio.

Perls (1942/2002) designa os pensamentos opostos como enraizados no organismo humano, mas passível de dualismos equivocados, uma vez que os opostos passam a existir pela diferenciação de algo não diferenciado, distinguindo assim os conceitos de bipolaridade e de dualidade; de um lado uma característica básica do universo e do ser humano, e de outra a cisão do mesmo em duas metades incompatíveis. Com esta perspectiva dual, o conceito de polaridade de Gestalt- terapia concentra-se na tríade, introduzindo um ponto zero como elemento central com objetivo de diminuir o dualismo, apontando para a integração e não oposição, almejando assim o equilíbrio. “Gestalt-terapia propõe uma passagem do “ou isto ou aquilo” para uma possibilidade ampliada e mais integradora do “isto aquilo””. (SOUTO, 2007, p.172).

Conforme Yontef (1998) dicotomia em Gestalt-terapia é uma divisão, diferenciação do campo em partes interconectantes, porem com diversidade de forças não competidoras, que dicotomiza os pensamentos do individuo interferindo diretamente na autoregulação. As polaridades são diferenciações frequentes no campo compreendidas como partes opostos que se complementam ou se explicam como nos polos positivos e negativos de um campo elétrico, ou como o *yin* e o *yang*. Mantendo a compreensão polar do campo tais diferenças são aceitas e integradas, uma vez que na ausência de integração precipitam-se as divisões e os conflitos. “Conceitos e sentimentos polarizados são complexos e entrelaçados.

Evidentemente, estão relacionados com o histórico particular do indivíduo e com sua percepção da própria realidade interior”. (ZINKER, 2007, p. 219)

Em todo conflito (Intrapessoal ou interpessoal) há um potencial, uma possibilidade criativa mediada pela awareness, de um comportamento integrado, adaptativo que insere em si toda a gama de respostas entre os extremos polarizados anteriormente experienciados, permitindo a pessoa flexibilizar suas respostas nas diversas situações. Opostamente as respostas polarizadas estão de forma geral desprovidas de imaginação, apresentando fragilidade diante dos confrontos da vida. A repetição do conflito de forma estereotipada e irresolúvel não promove um contato e sim uma cumplicidade entre as pessoas. Portanto é a capacidade para aprender que revela a promessa criativa de um conflito. (ZINKER, 2007).

4- O AJUSTAMENTO CRIATIVO E A TERAPIA.

O funcionamento saudável de Gestalt-terapia compreende o ajustamento criativo como conceito fundamental. A existência de conflitos entre o indivíduo e o meio é natural uma vez que a próprio conceito de polaridade já aponta para tal tensão entre interesses individuais e/ou sociais, porém tal afirmação não indica que elas não sejam irreconciliáveis, pois o movimento do campo tendência ao ajustamento criativo pela integração. O ajustamento não se caracteriza como mera adaptação do indivíduo às condições sociais, ao contrário, trata-se de constantes transformações vivenciadas e produzidas pelo indivíduo e pela sociedade. (HOLANDA e FARIA, 2005).

Frazão e Fukumitsu (2014) afirmam que o objetivo na terapia através do diálogo é retomar o fluxo de awareness. A experiência do aqui agora que a partir do sentir e do excitação presentes no campo orienta o saber da consciência e conseqüentemente a formação de Gestalt, permitindo a unificação e configuração espontânea no qual se integra o todo em uma significação. “A Gestalt busca a integração harmoniosa das polaridades complementares de todo comportamento humano, mais do que a eliminação de uma em proveito da outra ou a busca ilusória de um “injusto” meio-termo, monotonia de sentimentos diluídos”. (GINGER e GINGER, 1995, p.261).

Dessa forma assinala-se a postura fenomenológica do psicoterapeuta que acompanhará a criança sem direcioná-la ou sugestioná-la, atuando apenas como facilitador na obtenção de awareness de sua experiência. Pois é tarefa da psicoterapia resgatar sentimentos não aceitos de forma a reintegrá-los ao seu ser total, ajudando o cliente a utilizá-los de forma mais congruente com suas necessidades em cada um dos contextos necessários. O relacionamento terapêutico que permite a aceitação e a permissividade produz liberdade para que a criança possa expressar por completo seus sentimentos, de forma que os limites incidam sempre sobre o comportamento, e nunca sobre os sentimentos da criança envolvida em determinadas situações, pois estes precisam ser experimentados, aceitos e canalizados adequadamente e construtivamente emergindo outros significados. (AGUIAR, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A interpretação realizada com a análise do abuso sexual infantil como fenômeno através do olhar da Gestalt-terapia alerta para a concepção da criança como todo em psicoterapia, cuja identidade se constitui nas inter-relações com seu mundo, de forma que o “abusado” é apenas uma parte de um todo disfuncional atrelado a uma família negligente e abusiva, esta que se insere em um todo maior, a sociedade, evidenciando a interconexão dos diversos elementos no qual é co-participante, figura-sintoma, intérprete e figurante em uma rede de relações doente. Destaca-se, assim a necessidade de garantir à criança e sua família o direito de proteção e de cuidado, não deixando de reconhecer e de honrar, porém, o seu protagonismo no fenômeno.

A proposta inicial da Gestalt-terapia como modelo integrativo e interativo, considerando o homem uma totalidade unificada, auto-regulada que faz do contato instrumento através dos quais as realidades se superam (dicotomias e dualismos dos conflitos), buscando sempre a melhor resposta como ajustamento criativo. Através do posicionamento existencialista e de uma relação dialógica que exige do terapeuta habilidade, sensibilidade na assistência ao seu cliente, até que este tenha condições de criar e experimentar maneiras novas de perceber o

mundo e de dialogar com este mundo, alargando assim suas fronteiras pessoais a partir de um suporte que possibilitará o desenvolvimento do trabalho terapêutico.

Torna-se crucial para o manejo da demanda a compressão do fenômeno em sua dinâmica; a compreensão do processo de integração como ferramenta essencial na construção de novas configurações e a compreensão do conflito do qual emerge a ambivalência afetiva sobre a função paterna, legitimando-se na concepção holística do ser humano, no qual nenhum sentimento ou característica é por si só ruim ou bom, ao contrário assim será, na medida em que apontar maior ou menor funcionalidade, trazendo benefícios ou malefícios.

Portanto em terapia, mediante a experiência do abuso sexual, busca-se traduzir a experiência vivida, acatando o fenômeno como se apresenta, tal qual ele é, ausentando-se de juízo de valor do que deveria ser (tanto para o cliente, quanto para o terapeuta), possibilitando e permitindo a integração das polaridades, intentando-se apreender o mesmo fenômeno através de outros ângulos, flexibilizando respostas e vitalizando o fluxo perceptual por meio de outro ponto de partida que possibilitará olhar a própria vida com nova e diferente perspectiva, propiciando reconstruir outra história. Transformar a indicação da terapia (pelos diversos órgãos direcionados) em demanda se torna então um dos desafios do enredo “abuso sexual infantil”, bem como tarefa primordial de propiciar ao cliente a possibilidade de delinear as suas necessidades ao formular as suas próprias perguntas e administrar melhor suas respostas, através da awareness dos sentimentos, pensamentos, e comportamentos, transformando os confrontos em encontros, ressignificando a vida.

REFERÊNCIAS.

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças, teoria e prática**. Rio de Janeiro: Livro Pleno, 2014.

AMAZARRAY, M. R. e KOLLER, S. H. Alguns Aspectos Observados no Desenvolvimento de Crianças Vítimas de Abuso Sexual. **Revista Psicol. Reflex. Crit.** [online]. vol.11, n.3, pp. 559-578, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01029721998000300014&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 jun. 2018.

ANDRADE, C. C. **A Vivência do Cliente no Processo Psicoterapêutico: Um Estudo Fenomenológico na Gestalt-terapia**. Dissertação de Mestre em Psicologia apresentado à Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100014 . Acesso em: 10 mai. 2018.

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, June 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103. Acesso em: 21 jul. 2018.

ANTONY, S. M. R. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, XV(1): 55-61, jan./jun., 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100009. Acesso em: 10 jun. 2018.

COSTA, H. Necessidades, Hierarquia das Necessidades e Emergência das Necessidades, (in) D'ACRI, G., LIMA, P. e ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia- Gestáltes**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Summus, 2007.

FRAZÃO, L. M. e FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia Conceitos Fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

GINGER, S. e GINGER, A. **Gestalt uma Terapia do Contato**. 5ª ed. São Paulo: Summus, 1995.

HABIGZANG, L. F.; CORTE F. D.; HATZENBERGER, R.; STROEHER, F. e KOLLER, S. H. Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. **Revista Psicologia e Reflexão Crítica**, vol. 21 no. 2, p 338-344, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n2/a21v21n2.pdf>. Acesso em 18/07/2018 às 15h.

HOLANDA A.F. e FARIA N.J; **Gestalt-terapia e Contemporaneidade, Contribuições par uma Construção Epistemológica da Teoria e da Pratica Gestaltica**; Campinas, Editora Livro Pleno, 2005.

INOUE, S. R. V. **Violência Sexual Contra a Criança: Significações e Estratégias de Enfrentamento Adotadas Pelas Mães**. Dissertação de mestrado em Psicologia apresentado à Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2007. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/silvia_viodres.pdf. Acesso em: 21 mar. 2018

MACIEL, S. K. **Repercussões Psicológicas em Crianças Vítimas de Violência Familiar**. Tese de mestrado em Psicologia apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/77448>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MIGUEL, F.K. Psicologia das Emoções: Uma Proposta Integrativa Para Compreender a Expressão Emocional. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v20n1/1413-8271-pusf-20-01-00153.pdf> Acesso em: 10 mai. 2018.

OKLANDER, V. **Descobrendo crianças**. 17 ed. São Paulo: Summus, 1980.~

PENNA, A. G. **Cognitivismo, consciência e comportamento político**. São Paulo: Vértice, 1986.

_____. **Teorias da Emoção in: Introdução à Motivação e Emoção**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PERLS, F. S; **Ego, Fome e Agressão**, São Paulo, Editora Summus, 2002.

PIMENTEL, A. e ARAUJO, L. S. Violência Sexual Intrafamiliar. **Revista Paraense de Medicina** V.20 (3) julho-setembro 2006, p.39-41, Pará, 2006. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpm/v20n3/v20n3a08.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PIRES FILHO, M. F. P. **Violência Intrafamiliar: A Compreensão de Psicólogos que Atendem em Instituições Crianças do Sexo Masculino, Vítimas do Abuso Sexual**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica apresentado à Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2007. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/83>. Acesso em: 21 jul. 2018.

POLSTER, E. e POLSTER, M. **Gestalt-terapia Integrada**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia Refazendo Um Caminho**, 6ª ed. São Paulo, Summus, 1985.

_____. **Vade- Mécum de Gestalt-terapia, Conceitos Básicos**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2006.

SILVA, T. R. e GONTIJO, C. S. Família e o Desenvolvimento Infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v.13, nº 24, 2016. p. 15-36. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 05 ago. 2018.

SOUTO, M. C. P. Polaridades, Opostos, Forças Opostas. (in) D'ACRI, G., LIMA, P. e ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia- Gestâtes**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2007.

YONTEF, G. M. **Processo, Dialogo e Awareness, Ensaio em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.